

DEPOIMENTO | CARLOS WALTER: UM INTELLECTUAL ORGÂNICO NAS LUTAS CAMPONESAS DO BRASIL PROFUNDO¹

Samuel Britto das Chagas²

Enviado em 15 abr. 2024 | Aceito em 2 jul. 2024

Passados seis meses do encantamento de Carlos Walter Porto-Gonçalves, tem sido um grande desafio lidar com a sua ausência entre nós no plano terreno. Carlos Walter tornou-se internacionalmente conhecido por sua geografia analítica e crítica, em destaque os seus estudos sobre o Brasil e América Latina. Obra tão mais importante quanto mais reflete, sem perder o rigor científico, seu engajamento nas lutas populares, em especial do campo.

De origem humilde, desde criança, junto com suas duas irmãs, aprendeu os segredos da dinâmica da vida, com o pai, que vivia dignamente como operário, e as tias, determinantes na formação de sua personalidade. Segundo ele próprio, vinha daí a sua compreensão de classe social, o que mudaria radicalmente o sentido da vida do menino carioca.

Ao longo de sua caminhada como militante e educador popular, fez história por onde passou, desde a associação de bairro de Santa Tereza, onde atuara pontualmente, até a Universidade Federal Fluminense – UFF e desta para o mundo, passando pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, como diretor entre 1979-1980 e presidente entre 1998-2000, e por várias entidades e organizações como assessor e prelecionista de centenas de conferências.

Na relação direta com o campesinato e as lutas sociais mundo afora, ele encontrava as bases para suas elaborações. Nos anos 1970, estudou a realidade dos camponeses fluminenses e, logo em

1. Estas linhas são mais do que uma singela homenagem ao grande Carlos Walter Porto-Gonçalves, elas têm a intenção de expressar a minha gratidão a uma pessoa que aprendi a amar e respeitar. Quando o Rogério Haesbaert e o Valter Cruz me fizeram o convite para escrever estas linhas, eu retornava das Terras Altas da Mantiqueira para o Sertão Baiano, e não podia me omitir deste desafio, pois Carlos Walter havia feito a sua passagem poucos meses antes. Convivi pouco com ele, mas foi uma convivência intensa e harmoniosa, por isso me sinto lisonjeado de poder expressar estes sentimentos neste dossiê. Como tudo em minha vida passou a ser uma ação coletiva, aqui não poderia ser diferente, contei com a sempre atenta e competente contribuição do amigo Ruben Siqueira, com quem tive o prazer de conviver durante os anos em que estive na CPT da Bahia.

2. Engenheiro Agrônomo, atua com Agrimensura, Assistência Técnica, e Consultoria Socioambiental no Oeste da Bahia. Contato: samuelbritto@yahoo.com.br..

seguida, nos 80, tornou-se assessor dos seringueiros em movimento na Amazônia, quando contribuiu significativamente como assessor do líder Chico Mendes, em especial durante suas viagens no exterior em defesa da floresta e seus povos. Junto aos seringueiros Carlos Walter constrói uma leitura refinada sobre os povos da floresta e seus territórios, desenvolvendo conceitos que mais tarde ajudariam na elaboração de políticas públicas para a criação das Reservas Extrativistas – RESEXs, importantes marcos no debate conservacionista e territorial no país. É dessa época a sua contribuição para a elaboração da tese ecossocialista do Partido dos Trabalhadores – PT.

Carlos Walter aprendeu com Chico Mendes, Osmarino Rodrigues e outros seringueiros que não “há povos da floresta sem a floresta, e que não há floresta sem os povos da floresta”. Foi um divisor de águas em sua vida, daí surgem os elementos para a sua tese “Nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira”. Com esta visão analítica e crítica contribui para a compreensão profunda, complexa e interdependente que existe entre territórios e territorialidades.

Com densa formação marxista, Carlos Walter conseguia fazer pontes entre a teoria e a realidade concreta, especialmente do povo – este era um dos seus diferenciais como intelectual orgânico³, na acepção de Antônio Gramsci. Nós o víamos dar aulas a doutorandos em universidades no Brasil e no exterior e a dialogar com uma “retireira” do Araguaia⁴ comparando os distintos tipos de solo da região com o couro de uma onça, com distintas manchas de cores e fertilidades, exemplo que ele sempre gostava de repetir.

Foi nesta interface entre Carlos Walter e múltiplos atores do campesinato brasileiro e latino-americano que ele se aproximou de várias organizações, entidades, movimentos sociais e associações de trabalhadores do campo, dentre estas a Comissão Pastoral da Terra - CPT, de modo mais orgânico a partir dos anos 2000. Importante contribuição passou a dar na elaboração dos cadernos “*Conflitos no Campo Brasil*”, publicação anual da CPT, referência para a compressão e denúncia da violência no campo.

Carlos Walter era cuidadoso e profundo em seus artigos, ao interpretar os dados dos conflitos no campo brasileiro, destaques em suas publicações. Havia um cuidado em relacionar os dados da realidade agrária brasileira com a dinâmica do capital internacional, sempre trazendo profundidade à interpretação desses dados. O seu diálogo com o campesinato, a sua capacidade de escuta e o cuidado com as anotações e narrativas desde as comunidades camponesas lhe davam subsídios para interpretações precisas e criativas deste universo, somadas à sua diversificada leitura e vivência, criando conceitos epistemológicos inovadores.

A vasta cultura e o acervo de conhecimento faziam de Carlos Walter um educador com grande capacidade de construir elos nos muitos diálogos que fazia. Era como se houvesse sempre pronto um caminho a construir a partir da realidade para a teoria e desta de volta à realidade, a tecer a práxis do conhecimento. Certa vez, durante um dos encontros de formação da CPT Bahia, em Salvador, ele dialogou por três dias com os agentes pastorais sem utilizar anotações ou recursos audiovisuais.

³ O conceito de Intelectual Orgânico na obra de Antônio Gramsci foi apresentado em sua obra *Cadernos do Cárcere*, de forma sintética, sua compreensão é que “Por intelectuais, deve-se entender [...] todo o estrato social que exerce funções organizativas em sentido lato, seja no campo da produção, seja no da cultura e no político-administrativo [...]. Para analisar a função político-social dos intelectuais, é preciso investigar e examinar sua atitude psicológica em relação às classes fundamentais que eles põem em contato nos diversos campos: têm uma atitude “paternalista” para com as classes instrumentais ou se consideram, eles próprios, dirigentes, parte integrante das classes dirigentes?” A este respeito ver <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/4XHZSCstQ7SFCNnM7qZmHds/?format=pdf&lang=pt> (acesso em 19/03/2024).

⁴ “Retireiros do Araguaia” são comunidades tradicionais que exercem a prática tradicional de criar gado solto nas pastagens naturais do cerrado e varjões do Vale do Araguaia desde o início do século XX. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/mt-retireiros-de-luciara-lutam-para-garantir-sua-permanencia-no-territorio-e-seu-modo-de-vida-tradicional/> (acesso em 16/03/2024).

Com isso, ele surpreendia a todos, pois o conhecimento e a informação fluíam pela fala, pelos gestos, na facilidade de se expressar e comunicar. Neste mesmo encontro, ele disponibilizou para quem quisesse um *pendrive* com toda a sua obra acadêmica, inclusive, livros recém-traduzidos por ele para o português. Assim revelava que sua maior paixão era disponibilizar generosamente o que produzia, pois, conforme dizia, seu conhecimento era coletivo.

Dentre os seus muitos casos, lembramos de sua experiência com os Zapatistas no México, quando ao lá chegar, em um dos muitos “Caracóis Zapatistas”, se deparou com os militantes revolucionários estudando sua obra “A Globalização da Natureza, e a Natureza da Globalização”. Ele ria ao contar que ficou com muito orgulho quando lhe deram uma cópia da obra traduzida para o espanhol, sem a sua autorização. Ou seja, para Carlos o que importava era o acesso ao conhecimento coletivo, muito mais do que as “burocracias acadêmicas” permitem.

Com isso, ele mantinha sempre viva a chama revolucionária, a crença confiante de ter que construir novas referências para uma sociedade justa e igualitária, fora da égide do capital, como uma ação necessária e urgente. Num dos muitos diálogos que tivemos às vésperas de adoecer, ele estava encantado ao ler a biografia de Francisco Julião, e provocava para a necessidade de revisitar-se a experiência das Ligas Camponesas, as quais comparava com as Juntas de Bom Governo (JBG) dos Zapatistas. Estas e tantas situações semelhantes expressam o compromisso que o movia, e que era o motor da sua vida toda – a busca do protagonismo, da autonomia e da soberania populares.

O trabalho e a disciplina eram obsessões para nosso educador, sempre atento, tendo um método próprio e muito fluído de transformar em palavras o que pensava. Quando ele se deparou com o levante dos ribeirinhos⁵, em Correntina-BA, em novembro de 2017, engajou-se a tal ponto que transformou algumas anotações, para uma audiência pública sobre o ocorrido, em contribuição para o livro “*Os Pivôs da Discórdia e a Digna Raiva: análise dos conflitos por terra, territórios e água em Correntina-BA*”⁶, que tive o prazer de elaborar com ele. Até chegar à versão final, o livro teve 16 versões trocadas entre os autores, em busca de aperfeiçoamento e maior coerência com a realidade analisada.

Nesta mesma época, estava acontecendo o VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária-SINGA, em Curitiba-PR, de onde vieram as primeiras manifestações de solidariedade com os camponeses que estavam sendo acusados de “terrorismo” pelo governo baiano. Era resultado das articulações de Carlos Walter. A permanente solidariedade com os camponeses nas inúmeras situações de conflitos, agressões e expropriações lhe era marcante. Queria se manter atualizado com o que acontecia com os muitos grupos camponeses acompanhados pela CPT, mas também por outras organizações e movimentos sociais.

Em julho de 2022, em um dos muitos ataques covardes de grileiros contra camponeses do Fecho de Pasto⁷ do Destocado, município de Santa Maria da Vitória (Bahia), grileiros derrubaram e incendiaram os ranchos com os camponeses ainda dentro, ameaçando-os de morte, num cenário de

⁵ O levante dos ribeirinhos foi uma ação popular ocorrida no dia 02/11/2017 em Correntina, Oeste da Bahia, onde mais de 1.000 pessoas mobilizadas adentraram as fazendas do Grupo Igarashi, e num ato de protesto destruíram toda a infraestrutura de irrigação, preparo do solo e armazenamento. A motivação foram as omissões do Estado em relação aos impactos ambientais e sociais que este modelo de empreendimento tem causado à região. À época a vazão do rio Arrojado encontrava-se visivelmente reduzida, as fazendas do Grupo Igarashi retirando dele um volume excessivo de água, o que foi a “gota d’água” para que o povo se mobilizasse para a ação.

⁶ Disponível em: <https://lemto.uff.br/?p=183>. Acesso em 16/03/2024, às 11h04.

⁷ As comunidades de Fundo e Fecho de Pasto vivem nos cerrados e na caatinga no interior do estado da Bahia, sendo o uso comunal dos territórios, o manejo coletivo dos animais, o extrativismo e a conservação destes domínios fitogeográficos as referências dos seus modos de vida. Nas caatingas é mais comum que o território comunal seja contíguo às residências, daí o nome de fundo de pasto, onde se criam mais ovinos e caprinos do que bovinos. Já nos cerrados, os territórios comunais ficam distantes das residências, estas localizadas quase sempre às margens dos rios, e criam-se mais bovinos do que caprinos e ovinos. Estas comunidades tem sido as principais vítimas dos conflitos fundiários no estado da Bahia, que junto com Maranhão e Pará são os estados mais conflitivos do Brasil.

terror. Mais uma vez, Carlos Walter se apressaria em ecoar o clamor daquela gente tornada também sua.

Em 2018, Carlos Walter e Alvorí Cristo dos Santos⁸ foram contratados por Misereor, agência de cooperação internacional ligada à Igreja Católica da Alemanha, para pesquisarem a realidade das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia⁹, cada vez mais presentes nos relatórios de seus parceiros no estado. O objetivo era identificar se de fato havia sustentabilidade no modo de vida destas comunidades. E foi viajando por 10 territórios destas comunidades, que Carlos e Alvorí conseguiram compreender melhor a dinâmica e a importância socioambiental destes modos de vida tradicionais, e reafirmá-las em oito lições estratégicas.

Ao realizar esse estudo, Carlos Walter faz uma imersão nos rincões do sertão baiano e, com o seu olhar atento e sutil, conseguiu integrar o que via nas comunidades com as várias leituras que fizera ao longo da vida, desde os clássicos do marxismo até as mais recentes obras publicadas sobre ecologia política. Tudo isso intercalado com inúmeras histórias de suas vivências, como aquela aos pés da Serra Branca, em Porteirinha-MG, nos enclaves da bela Serra do Espinhaço, quando das articulações para a criação do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas – CAA-NM, e durante uma visita que fez à casa dos agricultores Oscarino Aguiar Cordeiro e sua esposa Ana, quando ficou impressionado com o asseio e o brilho das vasilhas de Dona Ana, que de tão bem areadas “pareciam espelhos”. Típico do Carlos Walter, de seu olhar para a sutil beleza.

A última elaboração que fiz com Carlos foi em função de um pedido do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento-CEBRAP para o Caderno CEBRAP Sustentabilidade sobre “A dinâmica do complexo de poder da soja e o acirramento dos conflitos territoriais nos cerrados brasileiros¹⁰”. Quando a Louise Nakagawa¹¹ me procurou, não pensei em outra pessoa que não fosse Carlos para elaborarmos juntos mais esta análise. E quando lhe fiz o convite, ele, com a maior disponibilidade e compromisso, topou na hora. Na verdade, ele já tinha os dados, e daí foi só um exercício de os organizar e lhes dar a consistência que o artigo sugeria. Mais uma vez um momento de grande aprendizado, pois era sempre com muita ternura, respeito e diálogo que estas construções se davam.

Quando me chegou o convite do CEBRAP, eu estava grávido do meu segundo filho, Raoni, hoje com 2 anos e 8 meses. Aceitar aquele convite foi a oportunidade de dar a ele um parto confortável e seguro, que nasceu no mesmo dia que Carlos Walter, 21 de julho, tornando-se assim seu idendipartário. Carlos Walter mais uma vez estendeu a sua solidariedade intelectual, e dessa vez foi a mim e a minha família. Hoje quando finalizava estas linhas, o pequeno Raoni estava ao meu lado, como se fosse uma forma de garantir a presença afetiva que Carlos durante seus últimos anos de vida exerceu comigo, e com outros tantos que o amavam.

Das relações que tinha com as pessoas, ele será sempre lembrado pela educação, carinho, respeito e solidariedade. Nas muitas conversas que tínhamos, que acabavam se tornando verdadeiras “aulas”, ele sempre partia das relações pessoais que mantinha conosco, sempre perguntava de início pela família, pelos filhos e filhas, e daí partia para as várias análises que o tempo

⁸ Engenheiro Agrônomo, com Mestrado em Zootecnia, atualmente é consultor independente a organizações sociais no campo, planejamento de unidades de produção e territórios de desenvolvimento, elaboração e execução de projetos de desenvolvimento na agricultura, diagnóstico de sistemas agrários e sistemas de produção, análise da funcionalidade ecológica de unidades de paisagem e corredores de biodiversidade, com ênfase em agroecologia, sistemas agroflorestais, conservação da biodiversidade.

⁹ Disponível em: https://www.misereor.org/fileadmin/user_upload_misereororg/cooperation/pt/avaliacao/estudo-fundo-e-fecho-de-pasto-resumo.pdf, acesso em 11/03/2024.

¹⁰ Disponível em: https://cebrapsustentabilidade.org/assets/files/Cadernos_Cebrap_Sustentabilidade_n_1_2022.pdf, acesso 16/03/2024, às 08h31.

¹¹ Bióloga, Doutora em Energia, com Pós-doutorado na Universidade de Liverpool. Especialista em Governança e Sustentabilidade.

lhe permitisse, retomando o mote inicial da conversa, como se houvesse uma pauta, sempre cumprida, ao final da prosa.

Com Carlos Walter estabelecemos uma relação de cumplicidade e confiança, o que fazia com que os diálogos e interações se dessem em harmonia e respeito. O fato de ser um legítimo intelectual orgânico, que estava diretamente metido com as lutas populares, faz de seu pensamento e exemplo de vida e profissão referências para as organizações populares e entidades e movimentos sociais que precisam manter acesa a centelha revolucionária. Por tudo isso, Carlos Walter Porto-Gonçalves está e estará vivo em nossos corações e mentes.